

O Ciclo dos Arrabaldes: A configuração urbana de Salvador e seus arredores (1870-1940)

Daniel Paz

Daniel PAZ é Doutor em Arquitetura e Urbanismo; professor da FAUFBA; danielmelladopaz@gmail.com

Resumo

No presente artigo apresentamos alguns aspectos do que foi uma etapa histórica da cidade de Salvador, capital da Bahia (Brasil), que situamos em linhas gerais entre 1870 e 1940, que correspondia a um arranjo territorial do seu núcleo urbano e dos arrabaldes do entorno imediato onde, junto com localidades da Baía de Todos os Santos, se veraneava. No século XIX esse veraneio era chamado “passar as festas”, e não por acaso, pois tal calendário era marcado no início e no fim por grandes festas urbanas, e, no seu correr, por festejos que ocorriam nos arrabaldes, alguns de importância regional, como as festas do Bonfim. Essa constelação de localidades era coerida pela movimentação pendular na cadência das grandes festas, dentro de uma infra-estrutura de transporte coletivo, com um cotidiano comum, marcado por ensaios de mundanidade. Onde cada localidade, seus moradores e veranistas, competiam entre si, em diversas maneiras, dentro do palco constituído por tais festas. Aqui enfatizamos a partitura das festas e sua importância na história urbana de Salvador.

Palavras-chave: história urbana, festas, festas de rua, urbanização, arrabaldes.

Abstract

In the present paper we present some aspects of what was a historic period in the city of Salvador, capital of Bahia (Brazil), which we located in general lines between 1870 and 1940, which corresponded to a territorial arrangement of its urban core and the immediate surroundings chosen, together with localities in the Bay of All Saints, as summer resorts. In the 19th century, those months out of the town was called “passar as festas” (“go by the festivals”), and not by chance, as this calendar was marked at the beginning and at the end by large urban festivals, and, in its run, by celebrations that took place in the suburbs, some of regional importance, like the festival devoted to Nosso Senhor do Bonfim. This constellation of localities was coerced by the swinging movement in the cadence of the large festivals, within a public transport infrastructure, with a common daily life, marked by intents of modern wordliness. Where each locality, its residents and vacationers, competed with each other, in various ways, within the stage constituted by such festivals. Here we emphasize that king of score of the festivals and their importance in the urban history of Salvador.

Keywords: urban history, festivals, street festivals, urbanization, suburbs.

Resumen

En el presente artículo presentamos algunos aspectos de lo que fue una etapa histórica en la ciudad de Salvador, capital de Bahia (Brasil), que ubicamos en líneas generales entre 1870 y 1940, que correspondía a un diseño territorial de su núcleo urbano y el

entorno inmediato donde, junto con las localidades de la Bahía de Todos los Santos, se iba de vacaciones. En el siglo XIX esas "vacaciones" se asignaban como "pasar las fiestas", y no por casualidad, ya que este calendario estaba marcado al principio y al final por grandes fiestas urbanas y, a su vez, por celebraciones que ocurrían en los arrabales, algunas de importancia regional, como las fiestas dedicadas a Nosso Senhor do Bonfim. Esta constelación de sitios era cohesionada por los desplazamientos constantes en el ritmo de las grandes fiestas, en una infraestructura de transporte público, con una vida cotidiana común, marcada por ensayos de mundanalidad. Donde cada localidad, sus residentes y vacacionistas, competían entre sí, de diversas maneras, dentro del escenario armado por tales fiestas. Aquí destacamos esa especie de partitura de las fiestas y su importancia en la historia urbana de Salvador.

Palabras-clave: historia urbana, fiestas, fiestas de calle, urbanización, arrabales.

Introdução

AO CAMPO!

Achamo-nos em plena festa.

Dezembro já vai quase em meio; a Conceição deixou-nos o seu cartão de visita, prometendo voltar para o ano do mesmo dia com suas procissões, missas, forrobodós, etc.

Todos preparam-se para descansar do labor quotidiano lá pelo campo, nas vastas roças, nos pittorescos arrabaldes.

A cidade vai sendo desprezada pelo Rio Vermelho, Itapagipe, Barra, Cabula e por outros tantos excelentes pontos de recreio.

É preciso ar – e só na roça, orlada de frondosos arvoredos, em cujas tranças cicia livremente a brisa, onde canta alegre e doida a passarada, é que nos podemos furtar ao terrível calor que torna a cidade, nesta quadra do ano, imensamente insupportavel.

É preciso descanso – e só na roça, à sombra da copa da mangueira, deliciando-nos com as magníficas frutas da temporada, é que nos podemos reanimar para a lucta de novos longos meses.

E o povo vai deixando a cidade, num como que rancho de Reis, ao alborecer da madrugada, precedido de sonoros *pinhos*, harmonicas, castanholas, etc.

Os arrabaldes recebem prasenteiros os patuscos hospedes que vão à verde mesa de relva saborear a classica feijoada.

E como é bella a vida no campo!

Moços e velhos todos affluem aos mais saudaveis arrabaldes. Os velhos contentam-se com a saudosa recordação dos tempos em que eram *boas pernas*, que desperta-lhes a garrulice do rebusto rapazio, regando-a com a água dos cajús, abacaxis e cocos molles.



Os moços dançam, cantam, pulam, gritam, desesperadamente, cada qual com a sua *prima* do lado.

É mesmo um gosto ver-se fervilhar a panella da feijoadá – uma lata de gaz -, esgotarem-se as garrafas e garrafões da *canninha*, e se esvasiarem cestos e cestos de cajús e mangas!

Ao campo! Ao campo!¹

¹ A COISA – crítica, satyrica e humorística. 12 dez 1897. Salvador: s/d.

Esta longa citação nos serve para ilustrar o que denominamos *Ciclo dos Arrabaldes*.

Em um sentido, é um arranjo geográfico, um entorno rural da cidade, de clima mais ameno diante da canícula do verão, distante o bastante para brindar a sensação de estar no campo e próximo o suficiente para ser uma jornada breve, à qual se ia sem grandes despesas, até pela convergência do desenvolvimento da infra-estrutura de transporte coletivo.

Era também um cotidiano, repetido em cada arrabalde. As famílias em veraneio deslocavam-se por inteiro, com tempo ocioso, em especial para os jovens. Sua fé se expressava na colaboração com as devoções locais, organizando seus festejos, leilões, quermesses. Os jovens tinham seus afazeres particulares, seus meios e locais de encontro. Servia como uma incubadora de uma série de atividades, algumas rurais, outras mais urbanas; algumas tradicionais, outras modernas. Falamos do teatro amador, das serenatas e das filarmônicas, do começo dos esportes modernos na cidade, como o futebol e as regatas.

E, em outra escala, era um calendário festivo urbano, coletivo, onde as festas no centro da cidade e nestes arrabaldes marcavam uma pauta e uma movimentação global. Como era a Festa de Reis na Lapinha, o Ciclo do Bonfim, e a de N. Sra. de Sant'Anna, no Rio Vermelho, com seu Bando Anunciador, que prenunciava o Carnaval, a apoteose daquele ciclo e o encerramento da temporada de verão. Os arrabaldes competiam entre si, com suas festas, com seus *ternos* e *ranchos*, e outras associações e agremiações, mas também acabavam formando um sistema em desenvolvimento.

E, dentro dos ritos presentes nas festas, profanos e sagrados, devemos atentar para aqueles espaciais ou geográficos. Aqueles que marcam, nas redondezas do evento, uma espécie de topografia do fundamental para a festa, os marcos topofílicos do lugar: os sítios sagrados, da memória comunal, entre outras coisas. E aqueles que, saindo das vizinhanças, apontam para uma relação entre distintas comunidades: algumas

destas procissões, permanências em declínio de antigas conformações; outras, expressões modernas.

Esta é uma exploração do que estamos chamando de *Heortologia Urbana*, do estudo das Festas em sua íntima relação com a Cidade.

Começamos com uma delimitação do que eram os arrabaldes, e do veraneio neles, para depois descrever o calendário festivo, seguindo as principais festas cronologicamente, tratando de identificar os elementos que subsidiam nossa hipótese.

Passar as Festas nos Arrabaldes

O veraneio não tem uma origem clara em Salvador, derivando do deslocamento estival tradicional.

Os grandes proprietários de terra do Recôncavo, desde os primeiros séculos, tinham casas nas fazendas e na capital, Salvador, e alternavam sua moradia a depender do ritmo da safra, em especial da colheita e moagem da cana-de-açúcar. No Oitocentos, esse período de permanência na cidade foi aumentando, e o verão campestre foi se reorientando para uma área rural mais próxima, no entorno imediato, os arrabaldes. Encontramos já nas primeiras décadas do século XIX a lenta conversão das roças e das chamadas *casas de campo* na região da Península de Itapagipe em sítios de veraneio, em função das festas do *Ciclo do Bonfim* – N. Sr. do Bonfim, N. Sra. da Guia e São Gonçalo do Amarante.²

No Rio Vermelho encontramos também os indícios de jornadas de verão, em busca de discretos banhos de mar, e com a intervenção daqueles moradores temporários nos festejos rústicos dos pescadores, entre os anos 1830 e 1840. O mesmo se repetia na Barra e, em um grau menor, nas localidades ao redor da cidade e ao longo da Baía de Todos os Santos, em especial na ilha de Itaparica. Esse tempo fora da cidade, em tais sítios rurais, era chamado sempre de *passar as festas*.

Foi concomitante, e relacionado, com o avanço dos novos meios de transporte coletivo, primeiro das *gôndolas*, carros altos, puxados por quatro burros, em um dos quais ia o cocheiro, percorrendo as irregulares ruas da cidade (CARVALHO, 1940). Mas especialmente com seus sucessores, os bondes puxados a burro, correndo sobre trilhos de aço, aproximaram tais lugares. Essas linhas de bonde não foram acidentais. O avanço para pontos distantes ocorreu pela pressão de uma população solvente e influente. A norte, na Penínsu-

² Estes processos oitocentistas do veraneio e dos festejos religiosos estão melhor documentados em Tese defendida e publicada recentemente (PAZ, 2020).



Figura 1 (à esquerda)

Mappa Topographica da Cidade de S. Salvador e sus Suburbios (1845), de Carlos Augusto Weyll. A distribuição dos arrabaldes mencionados no texto: 1 - Plataforma; 2 - Penha; 3 - Ribeira; 4 - Bonfim; 5 - Montserrate/ Boa Viagem; 6 - Soledade/ Lapinha; 7 - Cidade de Palha; 8 - Cabula; 9 - Castro Neves/ Pitangueiras; 10 - Brotas; 11 - Campo Grande/ Vitória; 12 - Porto da Barra; 13 - Farol da Barra; 14 - Rio Vermelho; 15 - Amaralina

Fonte: [do mapa-base]: ALMEIDA, 2014

Figura 2 (à direita)

Malha das linhas de bondes elétricos no início do séc. XX, a partir do *Mappa Topographica da Cidade de S. Salvador e sus Suburbios* (1845), de Carlos Augusto Weyll (ALMEIDA, 2014), com dados de Morrison (1989). Não há base cartográfica que tenha essa abrangência, daí usarmos uma anterior, da época em que a cidade era menor. Algumas linhas traçadas no mar, na área do Porto, correspondem aos aterros posteriores

Fonte: edição do autor.

la de Itapagipe, no Bonfim e, em uma escala menor, na Boa Viagem, Montserrate, Penha e Ribeira. A sul, primeiro no Campo Grande e Vitória – que não eram considerados arrabaldes de verão – e logo depois para Barra e Rio Vermelho, todos indicados na Fig.1.

Pela companhia *Veículos Econômicos*, os bondes chegaram à Baixa do Bonfim em 1869.³ No começo dos anos 1870 fizera-se o prolongamento do Bonfim à Ribeira.⁴ Pela companhia *Transportes Urbanos*, alcançaram o Porto da Barra em 1874.⁵ Em 1876 teve concedida permissão para levar a linha até o Largo do Farol. Para o Rio Vermelho, disputaram o acesso esta companhia e a *Trilhos Centrais*. Em 1874 estava em obras a linha da *Transportes Urbanos*, partindo do Campo Grande, percorrendo pela Estrada da Federação.⁶ A linha da *Trilhos Centrais*, correndo pelo vale do Rio Lucaia, alcançou o Largo de Sant'Anna em 1876, para depois prolongar-se para a Mariquita.⁷ Essa estrutura depois se aperfeiçoou e ampliou com os bondes elétricos, que começaram a circular em 1897 (CARVALHO, 1915). Na Fig. 2 vê-se um mapa geral das linhas de bondes elétricos da cidade, para se compreender a área alcançada.

³ RELATÓRIO..., 1870, p.26.

⁴ FALLA..., 1872.

⁵ FALLA..., 1874, p.171.

⁶ FALLA..., 1874, p.169

⁷ RELATÓRIO..., 1876, p.143.

Também os eventos massivos, as festas pontuais, correspondiam a uma pressão, continuamente reiterada na imprensa, por um serviço que atendesse a demanda crescente. As reclamações eram inexoráveis, sempre solicitando mais viagens, atendendo uma faixa de horário maior, com mais veículos para as festas.

O serviço durante o dia, e particularmente em dias de festas populares, deixa muito a desejar para se lhe poder chamar perfeito; durante a noite porém é péssimo.

Há pontos e arrabaldes n'esta cidade, aliás muito populosos particularmente na estação calmosa, mas que ficam segregados uns dos outros e do resto da população depois de certas horas da noite. Quem fôr ou estiver em Itapagipe, Bomfim, Calçada, etc., está impossibilitado de vir para a cidade, crescendo-lhe as dificuldades se morar na cidade alta; às 11 horas não há mais bem bons nem elevador! Já se vê que os de cá estão no mesmo caso para irem para esses pontos.⁸

Isso levou à estruturação de uma espécie de malha, de uma configuração transitória que articulava o centro com os arrabaldes, com aqueles satélites que também se comunicavam entre si por meio dos extensos trilhos que os atendiam, seguindo a pulsação dos eventos, no seu calendário anual e ao longo das décadas.

Mas o que eram os arrabaldes? O termo no Brasil ganhou a conotação da periferia da cidade.⁹ No entanto temos, ao menos em Salvador, algo ainda mais interessante. Invariavelmente apareciam denominados por uma única e constante expressão: o *pitoresco arrabalde*. Isso nos diz algo sobre tais lugares, vistos como algo rústico e encantador. Algumas construções

⁸ A LOCOMOTIVA: Folha Ilustrada Hebdomadaria, Ano 1, n10, 31 jan 1889. Salvador: Litho-typo Liguori & C./ Empreza Ferraz & Machado Tavares, 1889, p.3.

⁹ Ao contrário, por exemplo, da Argentina, onde *arrabal*, a versão em castelhano do vocábulo de origem árabe, está relacionado ao *bas-fond*.

mais nobres, entremeadas daquelas mais simples, e mesmo as de pau-a-pique, cercadas por roças e quintais. Atributo de praticamente toda a área suburbana, não tinha ainda conotação negativa, nem era tamanha a discrepância da urbanização entre um e outro. Não era mais a zona rural inerme, tampouco a urbe de pleno direito. Nem a distância entre a capital e o interior era expressiva: “os costumes, o nível de civilização, por aqueles tempos, pouco diferiam entre o sertão e o litoral” (PINHO, 1937, p.35), e as benfeitorias que hoje consideramos como parte fundamental da cidade – água potável encanada, o gás, a iluminação, entre outras – estavam se instalando. E quais eram os arrabaldes significativos para a cidade?

No texto satírico com que abrimos este texto era o Rio Vermelho, Barra, Itapagipe (talvez aqui não mais a Ribeira, mas a península como um todo) e o Cabula. Enumerou Dr. Francisco Vicente Vianna no final do século XIX como os arrabaldes mais estimados da cidade: “o Rio-Vermelho, a Barra, a Boa-Viagem, o Monte-Serrate, Itapagipe e Plataforma, todos marítimos; Pitangueiras, Castro-Neves, Cabula, Brotas e Cidade de Palha, de caracter campestre” (VIANNA, 1893, p.418). Distingua os litorâneos dos campestres, mas essa diferença não é substantiva, apenas de uma feição a mais dos primeiros, já que estes também tinham feição rural – ainda chácaras e roças, ainda animais apascentando (e mesmo atrapalhando os intentos de arborização), ainda rios e córregos próximos. Nesse momento a “boa sociedade” procurava o Rio Vermelho e a Barra para os banhos salgados. Sabemos também que os banhos eram hábito em Itapagipe; a diferença estava na “boa sociedade”.

O Dr. Luís Anselmo da Fonseca, Lente catedrático de Higiene na Faculdade de Medicina, em texto seu de 1907 sobre o tema, listou como arrabaldes a Barra, o Rio Vermelho, Ribeira, São Lázaro e Brotas, por exemplo. E ponderou.

Os nossos principais arrabaldes, Barra e Rio Vermelho, ambos situados à beira do monótono oceano e ambos circunscritos, já pelas colinas, já pelos areais, em espaços muito acanhados, são ordinariamente incômodos ou pela aspereza dos ventos ou pelo calor excessivo. (FONSECA, 1908, p.116).

Apontava, com razão, que se a Barra tinha árvores (e não poucas, vide uma de suas áreas ser chamada *Bosques da Barra*), o Rio Vermelho ainda estava despedido delas. O padrão ambiental exigido, dos adros e praças secas tornados “parques”, com árvores e mobiliário, havia se modificado, e os arrabaldes litorâ-

neos estavam aquém, exigindo reformas que os atualizassem. No periódico satírico *A Coisa* fazia-se piada com o Santo Antônio Além do Carmo, “considerada [sic] por todos um arrabalde, até mesmo pelos seus próprios habitantes, a principiar por mim, que quando têm de sair della, costumam dizer ‘vamos à cidade’”.¹⁰ Apesar da troça, não estava tão distante da realidade. A região da Lapinha e da Soledade tinha areias campestres, até pela topografia da cidade, com fundos de vale cultivados.

Para a saída aos arrabaldes, o texto de 1897 dá *A Coisa* dava motivos que conhecemos. A fuga do calor. O descanso. Para os mais velhos, a saúde, com uma dieta campestre. Mas os “patuscas hóspedes” viveriam patuscadas diariamente, divertindo-se à fresca, sob a copa das árvores.¹¹

Afonso Costa, sobre Adelia Josephina de Castro Rebelo, no centenário de seu nascimento em 1927, reportou o que escrevera outrem em 1885 sobre os lugares onde circulava: “em pitorescos arrabaldes, no alto do Bonfim, na ponta de Montserrat, nas povoações da Barra, do Rio Vermelho, em noites quaes as da véspera de Natal, de Reis, de Pascoa e de S. João, em convívios até romper a madrugada” (COSTA, 1927, p.451). Aqui temos os elementos que perfazem esse ciclo dos arrabaldes no final do Oitocentos, o calendário festivo da cidade, que se estruturava distribuído entre o centro da cidade e localidades como o Bonfim e Montserrate, Barra e o Rio Vermelho.

Mostrava também parte de um longo percurso nas modalidades de socialização, dos salões a áreas abertas, e, nelas, lugares de encontro litorâneos. Todos integrados a um sistema que se desdobrava de um núcleo urbano pequeno e consolidado, e tateava por aqueles arrabaldes. Alberto Silva, ao falar sobre a vida de Castro Alves, nos mostra algo disso. Conheceu o poeta “vários pontos desta Capital, como Barra, Rio Vermelho, Itapagipe, onde fazia serenatas no adro da Igreja do Rosário. Bonfim onde freqüentava um improvisado teatrinho, localizado na sua Baixa” (SILVA, 1953, p.188), sendo de sua predileção para passeio o Farol da Barra. Tais arrabaldes eram visitados pela população urbana, que tinha ali uma segunda residência, alugava por temporada ou ainda se hospedava na casa de parentes e amigos. O veraneio podia ser um retiro solitário ou em família, como uma socialização deslocada, fora da cidade, com todas as pessoas com quem é bom encontrar-se.

¹⁰ A COISA – crítica, satyrica e humorística. 25 mar 1900. Salvador: s/d.

¹¹ *Patuscada* era um termo ambíguo. Foi dado a um tipo de piquenique, comum no Oitocentos ao menos em Salvador, mais próprio das classes médias, onde se comia à sombra e sobre e a relva, bebia-se vinho à larga e faziam-se discursos, cantava-se modinhas e dançava-se o lundu, e mesclava-se com a caça, a pesca e o banho em fontes e rios das áreas mais rurais do entorno da cidade (PAZ, 2020). *Patuscas* era como se chamava quem ia às patuscadas. Mas também era empregado para denominar situações festivas – aqueles piqueniques redundavam também nessa atmosfera –, donde “patusco” podia ganhar conotação negativa, de gente que “aprontava” em espaços públicos.

Atividades que ocorriam e que permaneciam discretas vinham à luz pouco a pouco. A esfera pública se modificava. Isto pode se perceber no conteúdo dos periódicos ao longo da segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do subsequente. De assuntos políticos, aparecem mais e mais temas cotidianos e familiares, com presença maior das mulheres. Tampouco foi algo veloz, explodindo mais abertamente a partir dos anos 1920.

Os banhos salgados foram fator importante nesse afluxo, mas não o principal. Entre 1890 e 1900 quase não vimos menção ao litoral. Em uma sociedade hipocodríaca, são apenas referências laterais. Somente depois que o veraneio e os banhos salgados se tornaram assunto dignos de notícia, de presença nesse espelho em que uma sociedade se vê e fala com si mesma, a partir dos anos 1920, e mais intensamente nos 1930. Nesse momento passou a ter atividades que mereciam divulgação, e estes meios começaram a ser lidos por gente a quem interessava conversar sobre tais assuntos. Itaparica tivera seu papel na dinâmica do veraneio da capital incrementado com a epidemia de beribéri.¹² Na novela *Jana e Joel*, de 1899, descrevia-se “uma família em vilegiatura” (MARQUES, 1975, p.3). Outros lugares da grande baía também foram sítio de veraneio, mas os principais estavam na costa mais imediata da cidade. Francisco Vicente Vianna, no final do Oitocentos, percebera a mudança do Rio Vermelho com as novas linhas de transporte; a antiga vila de pescadores tornara-se “elegante arrabalde, com hotéis, bellas chácaras, boas edificações, hypodromo etc.; muito procurado pela boa sociedade pelos seus banhos salgados. Pela mesma razão é procurado o arrabalde da Barra” (VIANNA, 1893, p.418).

¹² A história dessa epidemia, seu reconhecimento, e sua relação com a vilegiatura marítima em Itaparica e Salvador foi aprofundada em artigo de Daniel J. Mellado Paz (2012).

O veraneio dos arrabaldes tinha um cotidiano relativamente estabilizado. Para os veranistas era uma ocasião do convívio em família, do convívio com outras famílias, e da necessidade de lidar com o tempo ocioso. Já para os moradores, os roceiros e pescadores, esse tempo tinha outra feição. A atividade de verão implicava em forças que modelaram as localidades litorâneas, com uma intrincada relação entre os moradores e visitantes, que não temos aqui como aprofundar.

Tinha um calendário festivo que animava cada localidade, cada arrabalde. Concorriam entre si, serviam como ocasião para brilho dos veranistas, dos músicos, do espetáculo em suas várias manifestações. Algumas ganharam importância urbana.

O Calendário Festivo Urbano

Na citação inicial de 1897 estava claro que após as festas da Conceição da Praia, a 8 de dezembro, iniciava-se a jornada ao campo, para o retorno no fecho e ápice do ciclo no Carnaval, eminentemente urbano e central. O mesmo ponto de largada desse período aparece no anúncio de 1881 mostrado na Fig. 3.

Antônio Vianna marca outro momento para a partida definitiva ao campo, que nos parece mais matizado. O período por inteiro se iniciaria no dia 1º de novembro, ainda concluindo no Carnaval, com o primeiro mês sendo um preparo para o novo ano. A roupa era engomada, consertada, feita ou comprada nova, e o mesmo com outras utilidades do lar. Dezembro era festivo:

Vinha o Natal! [...] Depois a missa do Galo. Na igreja mais perto. No largo mais próximo. No mais afastado, se ficava a caminho da roça preferida para o folguedo do grande dia. Porque era depois da missa do Galo que se demandava a chácara de Brotas, do Cabula, do Rio Vermelho, do Matatu, do Pau-Miúdo, do Gantois, de S. Lázaro, da Areia Preta, lugares esses de transportes precários ou de nenhum. O bom era chegar-se ao destino ao romper do dia. Iam-se os esparecedores aos grupos familiares. A cantar. A correr. A gritar. A colher, aqui e ali, folhas de pitangueiras. (VIANNA, 1950, p.13).

Havia uma etapa prévia e um arremate urbanos: as festas de novembro e dezembro eram centrais – Santa Bárbara a 4 de dezembro, N. Sra. da Conceição no dia 8 e Santa Luzia no dia 13 –, e o Carnaval, uma grande elegia da centralidade urbana. Porém o Natal marcava o início da jornada aos arrabaldes, como a festa de N. Sra. de Sant’Anna seria a sua última expressão. Nesse meio tempo, se usufruía das benesses da “roça”, “em pleno convívio com as belezas privativas do campo”.

O ciclo dos arrabaldes dependia de um calendário próprio. Na primeira metade do séc. XIX, o Ciclo do Bonfim já havia despontado como uma das mais importantes festas, junto com a Semana Santa, esta eminentemente urbana. Devoções nos arrabaldes, ou que os envolviam – nas jornadas náuticas – compareciam em segundo grau. A segunda metade do séc. XIX assistiu a outro arranjo. Nessa nova situação, a Conceição da Praia marcava a debandada para os arrabaldes e o Natal funcionava como momento de corte. O Ciclo do Bonfim mantinha ainda sua importância, com rearranjo em sua dinâmica e distribuição territorial. O Rio Vermelho despontava, e marcava o final do ci-

clo, com seu Bando Anunciador. E o Carnaval ganhara importância que antes não possuía. O Entrudo fora “civilizado”, se transmutara, remodelado por associações, algumas de elite, como os clubes carnavalescos, agora marcando o retorno à cidade, às áreas centrais, com o fim do veraneio.

(1 de Março de 1925 – CANSADO – Monologo do Zé Festeiro)

Primeiro, a Conceição... Depois, Natal,
Reis, e Bomfim, e Barra, e Rio Vermelho,
Branco, preto, amarelo, azul, vermelho,
Confeti, serpentinas, Carnaval!
(CARVALHO, 1954, p.71).

O interessante é que a Barra e suas festas incluíam-se no que era o ciclo de verão nesse período, no final do Oitocentos e nas primeiras décadas do século subsequente. Tentaremos aqui marcar quando as festas correspondiam a essa relação entre as localidades e se caracterizava como um fenômeno urbano e uma experiência coletiva.

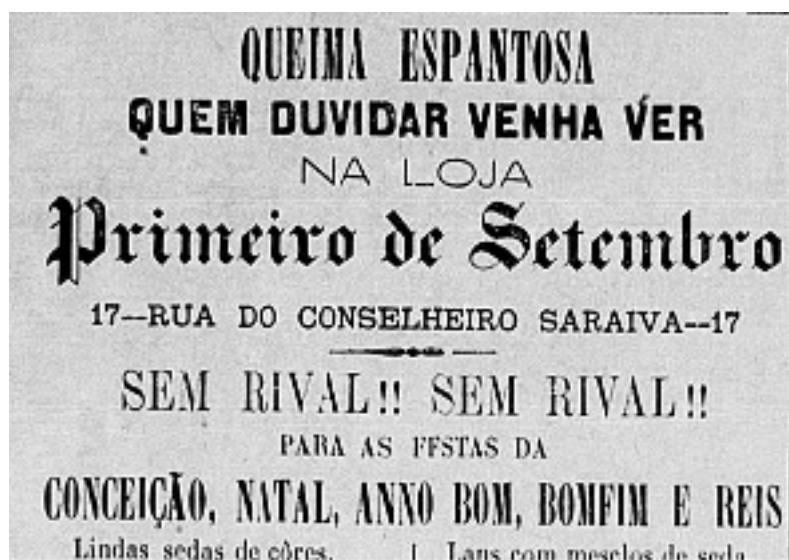


Figura 3

Anúncio de sortimento de roupas para o período das festas, do jornal O Alabama, edição de 13 de novembro de 1881. Converte com o que Antônio Vianna anotara da renovação do guarda-roupa e peças do lar

Fonte: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, s/d

Um aspecto nas festas dos arrabaldes era crucial: a abertura das casas, o redesenho do gradiente da intimidade até o espaço público. E uma das indicações da fartura de uma família, de sua boa condição, estava na generosidade na provisão de alimentos, expressa no comensalismo desde tempos coloniais. Nas tem-

poradas do Bonfim temos algumas indicações desse desenvolvimento. As casas se abriam, e mesmo as mais nobres. Odorico Tavares testemunhara na casa do médico Deraldo Miranda “almoçarem mais de cem pessoas na quinta-feira da lavagem e, no sábado, o jantar teve o mesmo comparecimento, sem que se perguntasse o nome do conviva ou quem o havia convidado” (TAVARES, 1961, p.43). José Geraldo Vieira apontava que era hábito disseminado; nas ruas adjacentes “ficam abertos os portões dos jardins e as portas da cozinha, da copa e da sala de jantar: nos quintais e nas varandas enxameiam ‘convidados’ espontâneos, que comem e bebem” (VIEIRA, 1947, p.49).

Vejamos as principais festas em ordem cronológica do calendário de verão.

A Festa de Reis

A folia de Reis, que ocorria na véspera do dia 6 de janeiro, já aparecia no começo do séc. XIX.

Aqui músicos itinerantes com violões, tambores, &c., começaram na noite passada (a véspera ou vigília da festa) a percorrer as ruas em grupos de casa em casa sem cerimônia, fazendo uma algazarra bárbara em cada uma delas; e depois de repetir uma forma tola, parra a irritar o próximo morador; e isto eles continuaram a noite inteira, particularmente nos arredores da cidade [...] (LINDLEY, 1805, p.123 – tradução nossa).¹³

Reconhecemos aqui o embrião dos ternos e ranchos, que aparecem na literatura das décadas seguintes como binômio praticamente pétreo, grupos que representam pastores que vão para Belém, pedindo abrigo no caminho, simbólico e literal, nas casas das famílias. Texto da época distingue ambos:

Podemos dividir o *rancho* em duas categorias: o *terno* que é o *rancho* mais serio e mais *aristocrata* e o *rancho* propriamente dito que é mais pandego e democrata.

O *terno* só tem pastores e pastoras, é constituído por famílias, todos uniformizados de branco e uma outra côr que deve ser rigorosamente a mesma para todos, as vestimentas são todas iguaes, às vezes tudo branco e as moças vestidas de noivas. Vão arrumado aos pares, a dois de fundo – um pastor e uma pastora, cada uma destas com uma castanha, cada uma d’aquelles com um pandeiro, todos com uma flecha tendo no extremo uma lanterna accesa. Esses *ternos* são puchados por tres ou seis musicos, não vão quasi nunca à Lapinha, só cantam nas portas das casas conhecidas nas quaes entram, comem, bebem e as vezes amanhecem dansando quadrilhas, polkas e valsas.

¹³ Here itinerants musicians with guitars, drums, &c, began last night (the eve, or vigil, of the festival) to traverse the streets in groups from house to house without ceremony, making a barbarous discord in each; and after repeating a regular silly form, pass on to annoy the next inhabitant; this they continued the whole night, particularly in the vicinity of the city [...] (LINDLEY, 1805, p.123).

O *rancho* prima pela variedade de vestimentas vistosas, europeias e lantejoulas a sua música é o violão, a viola, cavaquinho, o *canzá*, o prato e as vezes uma flauta; cantam os seus pastores e pastoras por toda a rua chulas próprias da ocasião; os personagens variam e vestem-se de diferentes côres conforme o *bicho*, *planta* ou mesmo *objecto innanimado* que os pastores levam à Lapinha.¹⁴

¹⁴ A RENASCENÇA, Ano 1, n.16, 10 jan 1895. Salvador: s/d.

O terno era mais galante e amistoso, com um círculo de familiaridade especificamente desenhado. O rancho, mais “profissional”, assim como sua dança tendia para o mais lassivo, para o lundú, e assim circulavam por toda a cidade, incluindo os distantes arrabaldes. No dia seguinte seus membros estavam exaustos, porém prontos “para recomeçar com as longas caminhadas e cantigas de reisados que duram pelos menos tres noutes consecutivas”.¹⁵ Os ternos eram mais flexíveis que os ranchos, podendo ser grupos de amigos e famílias, visitando os conhecidos, dançando e cantando até o sol raiar (AMARAL, 1922). Ternos e ranchos foram importantes nas grandes festas de verão, mas foram centrais na Festa de Reis¹⁶, que ocorriam nos arredores da cidade, “principalmente na Lapinha, Itapagipe, Barra, Rio Vermelho e Itapoan, para onde concorre muita gente da cidade, avultam os ranchos” (AMARAL, 1922, p.17).¹⁷ Tais lugares eram conhecidos como “arrabaldes”, inclusive a Lapinha, ainda que fosse próxima ao centro da cidade. Itapuã surpreende aqui, e merecerá atenção especial.

¹⁵ A RENASCENÇA, Ano 1, n.16, 10 jan 1895. Salvador: s/d.

¹⁶ Os termos variavam de significado, na medida em que também tais agremiações informais mudavam de perfil. Assim, décadas depois, as testemunhas dos ternos e ranchos de Itapuã descrevem o oposto do que a literatura da época marcava. O rancho seria o mais livre e solto, “*um batuque de pandeiro e viola, e o terno é música, o terno não canta samba, canta marcha pra sair na rua*”, enquanto o “*o terno é a roupa melhor e o rancho não. Você tá assim, você quer ir pro rancho, você vai, vai batendo palma, vai cantando seu samba, vai por aí, vai pro rancho*”, passando ambos nas casas, conforme lembrava Dona Francisquinha (GANDON, 2008, p.333).

¹⁷ O texto é repetido em um Almanaque (FREIRE, 1881, p.7).

Na vespera do desejado dia começa logo cedo o movimento que aumenta gradativamente durante a noute inteira; é uma romaria que corre para os arrabaldes, principalmente para o Rio Vermelho e para a Lapinha, a pé, a cavallo, a carro ou nos bonds, em tropel, acelerada, empurrando-se, machucando-se, levantando poeira e desordens n’um afan de chegar cedo para nada perder de tão appetecido divertimento.

Os arrabaldes iluminados *a giorno*, tendo nas suas praças corêtos onde tocam bandas de musica e suas ruas e casas enfeitadas de lanternas, bandeirinhas de papel e folhas de palmeira; tudo respira a alegria san e festiva d’um povo que diverte-se affogando em seus innocentes prazeres os dissabores de sua vida afanosa.

A Lapinha, lugar único para onde devia dirigir-se a festa, porque é lá que encontra-se um presepe com a adoração dos 3 magos, Jesus, Maria e José representados por figuras de tamanho natural, conserva sua igreja aberta toda a noute e durante tres dias ha missas, festas, foguetes, iluminação, fogos de artifício, etc.¹⁸

¹⁸ A RENASCENÇA, Ano 1, n.16, 10 jan 1895. Salvador: s/d.

A Lapinha foi local de grande prestígio para essa festa no séc. XIX, e seria onde mais persistiu. Mas houve um interregno.

Em 1898 falava-se da perda da influência da Lapinha e que “Itapoan attraiu a maior parte dos amadores das festas dos Reis”.¹⁹ Isto é completamente inesperado. No ano seguinte, a edição do *Diário da Bahia*, de 7 de janeiro, comentava o sucesso da festa, calculando 6.000 visitantes (!).²⁰ Não é verossímil, dada a enorme distância e às dificuldades de acesso, que o lugar recebesse grande afluxo de gente. Ainda assim impressiona o êxito de uma localidade com esses atributos e a maneira como Itapuã inicia-se no ciclo das festas de verão: por meio da Festa de Reis.²¹ O dado é que entrava na dinâmica festiva da cidade. Seus ternos vinham à capital e participavam com brilho nos eventos.

Falamos da Lapinha, do Rio Vermelho e mesmo de Itapuã. Mas a Penha em certo momento, nesse equilíbrio dinâmico do êxito, teve seu lugar ao sol.

Todas as casas se enfeitam, os largos se polychromizam de bandeirinhas e de flôres e folhas agrestes, e a iluminação a pouco e pouco se torna profusa e ofuscante, e, logo após, a cidade fulge, e rumoreja, num só esto de alegria.

Os festejos de Reis, no formoso largo da Penha, são os mais concorridos e animados. Este anno foram ainda maiores. O povo, tradicionalmente festivo, delirou de contentamento, assistindo aos bailados populares, às cheganças, aos ranchos phantasiados das saloias e das marujadas.²²

Houve ainda música no coreto, fogos de artifício, e uma “*marche-aux-flambeaux*”, conduzida pela banda. Também “correram bellos e animados os festejos de Reis no pittoresco largo da Madragôa”. Ainda em Itaparica, no Mar Grande, promovida pelos veranistas: “varios divertimentos. Applaudiram-se lindos ‘ternos’, realçando entre todos o de phantasias organizado por veranistas e pessoas allí residentes”, com pessoas na agremiação “ricamente vestidas”.²³

Importante é que estas festas ocorriam por toda a cidade. Sem ancorar-se em nenhum templo em específico, cada arrabalde, cada bairro consolidado, podia competir com os demais por quem possuía mais brilho na festa, os melhores espetáculos pirotécnicos e ambiente, as melhores filarmônicas, para onde vão os melhores ternos e ranchos. Nos sítios de veraneio, eram os veranistas quem dedicavam sua energia, tempo livre e recursos, para o luxo da festa. Tais eventos, longe de “espontâneos”, eram organizados, e seu percurso relacionava-se com a de pessoas notáveis na localidade e na cidade. Eram as festas organizadas pelos veranistas “porque Itapajipe era o local preferido para veraneio das famílias abastadas,

¹⁹ A COISA – crítica, satyrica e humorística, 16 jan 1898. Salvador: s/d.

²⁰ Apud SILVA, 1979, p.192.

²¹ Ironicamente esse papel urbano e festivo de Itapuã desapareceu da historiografia do bairro, inclusive de sua memória. Sobre o assunto, Tânia Gandon apenas assinala: Na Itapuã “de antigamente”, ao contrário do que ocorria em bairros do centro de Salvador, os ternos não se apresentavam na “noite de Reis” (salvo em ocasiões excepcionais) e sim no dia 2 de fevereiro, na festa da padroeira; é possível que algum terno de Itapuã se tenha apresentado em algum outro bairro de Salvador nos concursos de ternos da capital (dia 6 de fevereiro). (GANDON, 2008, p.332). O testemunho direto e a transmissão oral, ainda que revelando particularidades sem preço, não consegue penetrar a contento no Oitocentos, como se viu no caso do Rio Vermelho – dentro do mesmo projeto de História dos Bairros que gerou o material para a obra de Gandon.

²² A BAHIA ILUSTRADA, n26, jan 1920. Rio de Janeiro.

²³ A BAHIA ILUSTRADA, n26, jan 1920. Rio de Janeiro.

em fins de anos. [...] Os componentes do terno, eram lindas e graciosas moçoilas das melhores famílias da Bahia, e os rapazes também do mesmo nível social” (MEIRELLES, 1973, p.23). Meirelles falou de palanque imitando a Torre Eiffel, onde os músicos tocavam, o que também fora visto por Hermano Requião (1949).



Figura 4 e 5

Os ternos rivais, do Crisântemo e da Espera, estampados na primeira página da edição do dia 7 de janeiro de 1915 do jornal *A Notícia*. A mesma página estampava o público à espera da chegada dos ternos e ranchos na Praça Municipal. Fonte: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, s/d

²⁴ Carlos Torres, lembrando as primeiras décadas do século XX, assinala que os ranchos eram essencialmente masculinos, podendo haver exceções. Os ternos, com homens e mulheres, “possuíam apresentação mais vistosa, de luxo, beleza e gosto, constituídos, na sua maioria, de moças de famílias pobres, tôdas ricamente vestidas, algumas até de veludo bordado a ouro”, com instrumentos, lanternas enfeitadas, e uma porta-estandarte” (TORRES, 1959, p.59). De toda sorte, parece confirmar os passos da mudança semântica.

Em dado momento, mudou-se o sentido das palavras “ternos” e “ranchos”. Ou melhor, aqueles grupos com perfil mais profissional e maior circulação, foram se autodenominando “ternos”, com suas fantasias próprias, e maior apuro na produção e ensaio, ainda que com membros de origem mais humilde. E aqueles informais, independente da classe social, seriam os “ranchos”.²⁴ Pois os ternos, com sua maior circulação pela cidade, competiam entre si, repetindo o espírito agonístico das localidades em termos de brilho. Cruzando-se, na Lapinha, às vezes havia conflito entre eles (VARELLA, 1935). Em seus lugares de origem, eles concorriam, como faziam as filarmônicas durante as festas, em especial de Reis e Bonfim, quando “os Ternos do Chrysantemo e da Espera, rivaes entre si, sahem à rua ostentando custosos préstitos em que não faltam as ricas sedas, bordados de arte, charangas e coros harmoniosos” (CARVALHO, 1915, p.80). Ternos conhecidos e afamados, como se vê nas Figs. 4 e 5. Na Noite de Reis, percorriam a cidade. Iam ao centro, para o Largo do Pelourinho ou Praça do Palácio para se exibirem, ao romper da alvorada, onde o público os esperava (TORRES, 1951). Depois de visitarem a Belém simbólica em cada arrabalde, com seus presépios, exibiam-se no centro simbólico e cívico de Salvador. Com o raiar do dia, retornavam aos seus bairros de origem, onde caíam no samba (VARELLA, 1935).

Outras Festas Menores

Ano-Bom, e Lapinha, e, após Bonfim,
Barra e Rio Vermelho; e cada qual
Com véspera, o dia, e frios...
Sei que sim
desde dezembro – é só mudar o prato!
Agora é o carnaval!...
Ah!... João Festeiro, fôlego de gato!
(apud VIANNA, 1956, p.3).

Na Barra, as festas a Santo Antônio tiveram seu lugar no calendário festivo de verão da cidade. Hildegardes Vianna, filha de Antônio Vianna, datava esse poema de Aloísio Carvalho, ou melhor, seu pseudônimo Lulu Parola, dos anos 1910. Naquele momento a Barra fazia parte do ciclo festivo em sua face mais efervescente. A feição do Porto da Barra e das imediações do Farol podem ser vistas nas Figs. 6 e 7.

Cid Teixeira contava como a partir de 1863 os veranistas e moradores dessa localidade resolveram incrementar os tradicionais festejos de São Gonçalo do Amarante. Faziam-no com o claro intuito de competir com outros arrabaldes, neste caso com o Bonfim, onde as festas deste santo eram famosas. Em 1864 convocavam o festeiro com quadras como esta:

*São Gonçalo d' Amarante
Bem aventurado delfim
Será festejado na Barra
Quem nunca foi no Bonfim.
Oh dia de São Gonçalo,
Dia festivo sem par,
A Barra cheia de glória
Te há de, sempre, recordar
(TEIXEIRA, 1986, p.100)*

Em festas com direito a pirotecnia, leilões e quermesses, e músicas e quadras ligadas ao santo casamenteiro. O aspecto agonístico das localidades se manifestava. No caso, as festas da Barra se viam turbinadas com o maior poder aquisitivo de seus veranistas e moradores. Naquele ano a comissão “contratara todas as bandas e filarmônicas da cidade para deixar sem música os festeiros da península” (TEIXEIRA, 1986, p.101) de Itapagipe, do Bonfim. Festa com música no coreto, concursos, fogos, comissões organizadoras, Bando Anunciador. Foi dito mais de uma vez que “chegaram a ser imponentíssimas, em vista de ser o bairro rico da cidade” (TORRES, 1959, p.71). Em outro momento, afirmava-se que a festa “teve seu fastígio na surpreendente apresentação da Torre Eiffel, abundante de luz, levando, noites a fio, à zona aristocrática, milhares de pessoas” (VIANNA, 1979, p.13), mesmo tema cenográfico realizado na Ribeira.

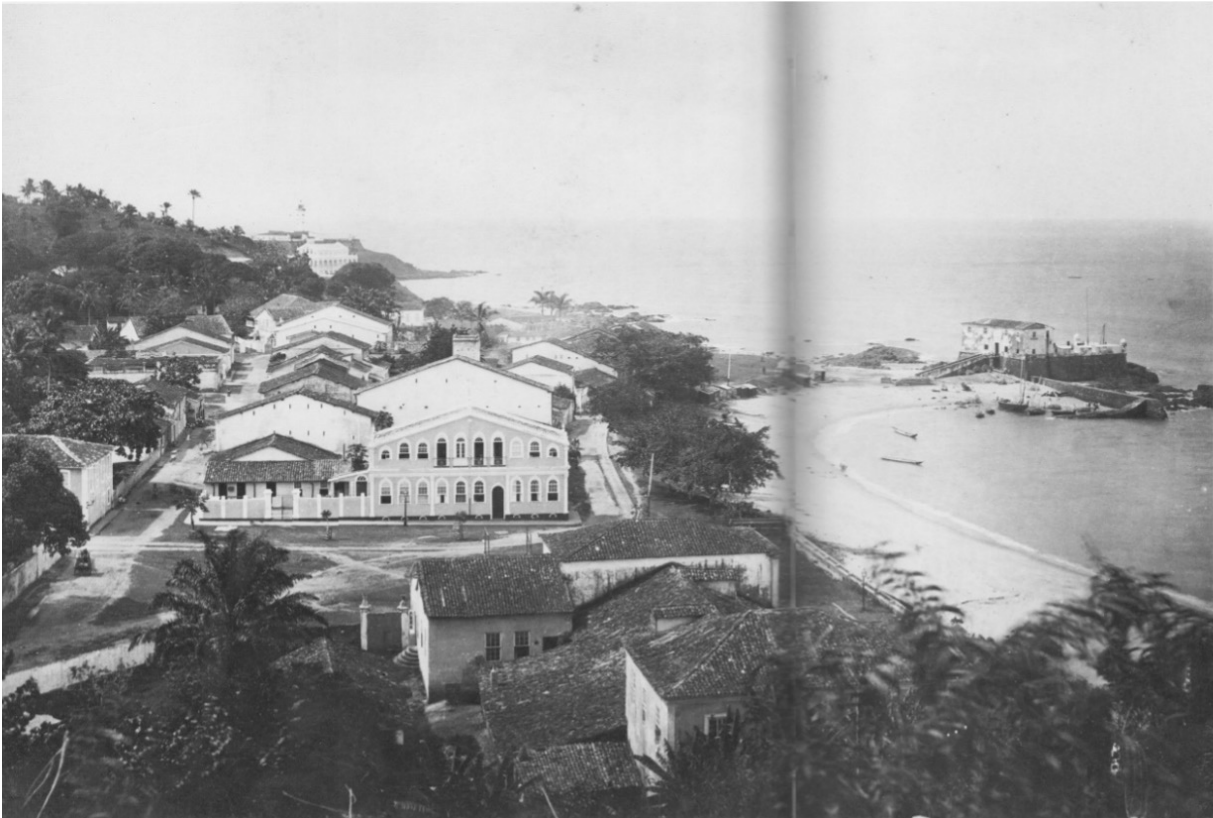


Figura 6
Porto da Barra (c.1885), de Rodolpho Lindemann. Nesse momento o antigo povoado já passara por uma primeira fase de progresso material. O sobrado expressivo com quintal murado que aparece em segundo plano era pouco tempo antes casa de pau-a-pique com precária cerca de madeira. O mesmo ocorrera com seus vizinhos, verticalizando. E, ao fundo, com o palacete, na encosta do Morro do Gavazza, que pertencera a Antônio Pedroso de Albuquerque (1798-1878), que depois sediaria o Hospital Espanhol. Fonte: FERREZ, 1988.



Figura 7
Largo do Pharol. Bahia, de cartão-postal Litho-Typ. de Almeida, de 1917, da Coleção Ewald Hackler. Rara imagem mostrando o Largo a partir "de dentro". Ao fundo, palacetes que eram parte das Quintas da Barra. Fonte: VIANNA, 2004

Também havia seus entrelaçamentos, desta feita com outros bairros e locais de veraneio, como o préstito que ia até o Rio Vermelho quando, depois da inauguração abertura da Av. Oceânica em 1922.

Porém as festas na Barra não parecem ter tido maior repercussão no calendário dos arrabaldes e, como várias outras coisas do bairro, predomina a escassez de registros.

Nosso Senhor do Bonfim

Os moradores no adro e na Calçada eram tomados de assalto pelas famílias conhecidas da cidade, que se *aboletavam* por dois, trez e oito dias, com filhos, creados e conhecidos, nas pequenas casas onde moravam aqueles amigos, e d'ahi gosavam da festa. (CARVALHO, 1915, p.61).

Sem entrar nos detalhes do complexo festivo do Bonfim, nos cumpre enfatizar aqueles pontos que ora se relacionam com a evolução das festas nos arrabaldes como momento mais intenso da socialização nos mesmos, ora com os que demonstrariam as conexões que perfaziam o dito ciclo dos arrabaldes.

O ciclo do Bonfim por inteiro constava, ao final do século XIX, das novenas do Bonfim, durante a qual ocorria a Lavagem da igreja na quinta-feira e do Cortejo da Lavagem, como a pândega no "arraial" – isto é, o conjunto de barracas de comidas, jogos, etc. – no adro durante a noite de sábado e a madrugada de domingo, o dia santo propriamente dito, e seu prolongamento pela região pelo mesmo dia. No domingo subsequente seria a festa de N. Sra. da Guia, e, no final de semana seguinte, o tríduo de São Gonçalo do Amarante. Esse ciclo passara por uma retração geral, e uma expansão particular. Ainda havia as festas de N. Sra. da Guia e, de modo surpreendente, a de S. Gonçalo, mas minguavam em comparação com a concentração em torno de N. Sr. do Bonfim, cujo final de semana ganhou um porte impressionante. Em primeiro lugar, porque os ternos e ranchos se expandiram para além da Festa de Reis. No caso do Bonfim, começaram a constituir o ponto alto do Sábado do Bonfim, aquilo pela qual todos esperavam, quando vinham de outros cantos da cidade: "[o] povo fica no adro até pela manhã a espera desses ternos e desses ranchos. São os remanescentes das festas de Reis que vão fazer o ultimo passeio ao Bomfim" (CARVALHO, 1915, p.56). Quando Carlos Alberto de Carvalho escreveu estas linhas tal momento não havia ganho a magnitude que veio a adquirir poucos anos depois. José Eduardo Freire diz que, após um certo tempo um tanto empalidecida, essa noite voltou a animar-se, "com o maior brilha-

Não custa repetir que os ternos e ranchos são um fenômeno importantíssimo de integração entre os arrabaldes e interna ao próprio durante esse período. Porque cada um têm uma procedência específica, e as festas eram uma oportunidade de luzirem, de mostrarem seu valor e promoverem também seu lugar de origem. Por exemplo, em 1916 a revista *A Epopéia* publicou fotos dos festejos do Bonfim, com o concurso dos ternos e ranchos, julgando vencedor o Terno da Espera, de Plataforma, que lá posou orgulhosamente para foto publicada naquele periódico.²⁶ De maneira análoga, as agremiações “anfitriãs”, da localidade onde ocorria a festa, viam-na como um momento seu, como no domingo, após a missa do Bonfim (TORRES, 1961).

Mas o outro ponto é que a festa se transbordara naquele final de semana, avançando para a segunda-feira. E para a vizinhança.

A Segunda-Feira do Bonfim, que ocorria na Ribeira apesar do nome, é um transbordamento do público que foi aos festejos anteriores. No seu ápice, o fluxo de gente começava na antevéspera, no próprio sábado “famílias inteiras transportam-se com suas malas, valises, pacotes e trouxas, contendo mudas de roupa, objectos indispensáveis à *toilette*, travesseiros, comidas e bebidas” (CARVALHO, 1915, p.64). Sem ser tão recente, ganhara caráter único.²⁷

[...] porque faz a festa quem a ella vae.

O arrabalde de Itapagipe sendo o maior dos circumvisinhos à igreja é o único capaz de dar agasalho ao povo cansado do domingo que não pode voltar para suas casas, na segunda-feira, este povo de *corpo molle* por causa da *pandega* da vespera, faz dia de santo e começa a divertir-se em ranchos pelas ruas bebendo, cantando e dansando; este movimento vae chamando gente de outros lugares a qual reune-se a estes que se divertem e eis a *segunda-feira* do Bomfim.²⁸

Nada possuindo de religioso, sem agremiações estruturadas ou fantasias, é a coisa mais próxima do antigo Entrudo e uma prévia do Carnaval, incubadora de ditos, piadas, quadras e trovas, que ali se gestavam e se espraiavam, e eram enfim consagradas no Carnaval. Atrelado à dinâmica da festa do N. Sr. do Bonfim, aparecia esse dia como uma espécie de expressão pura do mero gozo de se estar juntos, inteiramente de rua, “uma alegria elementar em todos” (MARTINS & AMADO, s/d, p.34). De gente passeando pelo arrabalde a pé, a cavalo, de carro (puxado a animais) e, depois, a automóvel. Lulu Parola, em nota memorial de 18 de janeiro de 1932, sobre a Segunda-Feira do

²⁶ A EPOPEIA, Ano II, n.15, jan 1916. Salvador: s/d.

²⁷ Manuel Querino creditava a veteranos da Guerra do Paraguai (1864-70) (QUERINO, 1955, p. 256). Carvalho Filho, porém, discordava: pois já muito e muito antes da guerra de Paraguai costumava haver, na segunda-feira seguinte ao domingo da festa do Senhor do Bonfim, um certo movimento nas ruas de Itapagipe. Eram famílias que saíam de dia a passeio do Bonfim à Penha e vice-versa; eram ranchos deromeiros ou festeiros, que se retiravam a pé, cantando e tocando violas, violões, flautas, castanholas, &. eram à noite as *cheganças* e os ranchos de rei, que iam tirá-lo a casa de pessoas amigas. (CARVALHO FILHO, 1945, p.106).

²⁸ A RENASCENÇA, ano 1, n.18, 24 jan 1895.

Bonfim, assumia que, apesar de origem, fora efetivamente criada pelo “povo”. Como outros, apontava que a cidade se esvaziava nesse dia e “era tamanha a evasão que, por falta de gente, as repartições públicas não abriam, escritórios e oficinas se fechavam, e até os bancos ingleses [...] encerravam o expediente antes” (CARVALHO, 1954, p.108). E o que iam fazer em Itapagipe? Por quê iam? Não tinha resposta... era inútil: “Iam, porque queriam”.

As melhorias no transporte reforçavam o fluxo, em uma realimentação. A facilidade em deslocamento permitia a visitação pontual, de um dia apenas, sem a necessidade de ir de véspera ou a permanência por mais tempo, transformando o veraneio em mera visita, integrando a área à cidade. O evento ganhara autonomia, afluindo o povo e congestionando os meios de transporte coletivos, inclusive os elevadores mecânicos da Cidade Alta (CARVALHO, 1915). Os serviços de transporte eram fortemente tensionados. Nunca davam conta da demanda de festejos que estavam sempre crescendo, nessa espécie de época de ouro das festas populares. Os bondes iam abarrotados de gente dependurada, todos os carros postos à disposição. O arranjo do transporte coletivo era um precário *upgrade* em uma infra-estrutura incapaz de atender a esse pico singular na cidade: “[i]mprovisam-se tectos de palma de coqueiro, arrancham-se umas taboas à guisa de bancos, collocam-se estas cousas em um estrado onde há um *controller* e o *caradura* vae conduzir passageiros” (CARVALHO, 1915, p.65).

Circulavam pelas ruas “ranchos” improvisados, com os instrumentos à mão, ou ficavam as famílias e grupos de amigos sob as árvores, em piqueniques. Passeavam pela feira de frutas e cerâmicas no cais da Ribeira, e dali voltavam às árvores do Porto dos Tainheiros ou do Poço de Itapagipe (CARVALHO, 1915). Atmosfera que, a despeito da total ausência dos paramentos habituais, como decoração e iluminação, prosseguia até altas horas entre as classes mais baixas, com sambas. Antônio Vianna, em tais décadas da Primeira República, circulou pela festa, registrando etnograficamente o evento. Enumerava os tipos humanos: o rico de fraque e cartola e a mulher do mesmo nível, a matrona proletária, o taverneiro de roupa suja, o estudante de poucas posses, todos ali. O povo na folia: “[n]o violão. No pandeiro. Nas castanholas. Nos requebrados. Nos passos de baliza. Nas filas cerradas. As mulheres no centro; os homens guarnecendo os flancos” (VIANNA, 1950, p.41). Vindos de todas as maneiras, a pé inclusive, que madrugara em esteiras sob a árvores. Não apenas os foliões iam de um lado a outro, agregan-

do-se outros; após trabalharem na noite anterior, iam os ranchos do sábado, para as casas de amigos ou lugares alugados e ali se divertirem (CARVALHO FILHO, 1945). O comércio ambulante também lhes seguia, das barracas e quermesses que compunham o arraial (TORRES, 1961). A madrugada do domingo à segunda era nesse labor, procurando um bom lugar para se instalar. Era uma atividade em si mesma, assistida pelos moradores e por aqueles que se divertiam, varando a noite em claro. Esse comércio percorria de festa em festa, também circulando pelos arrabaldes a partir de seu calendário, com nomes reconhecidos, particularidades próprias, e que receberam certa atenção. Os traços do comensalismo também se repetiam, pelo menos durante um período: “todos [os moradores] faziam questão de receber em suas casas, os forasteiros, oferecendo-lhes comidas, bebidas e danças” (MEIRELLES, 1973, p.25), hospedando famílias inteiras, incluindo os idosos.

O alcance a Plataforma, e subseqüentemente a São Brás, Itacaranha e outros lugares do atualmente chamado *Subúrbio Ferroviário*, ocorreu por décadas a partir da Ribeira. Antônio Alves Câmara falava de *pranchas*, canoas em sua origem, cortadas longitudinalmente e ampliadas por duas ou três tábuas grossas postas, aumentando sua capacidade de carga: “uma até houve em que assentaram-lhe uma pequena máquina a vapor de proas para navegar entre Itapagipe e a Plataforma” (CÂMARA, 1888, p.60). Carlos Torres falando da virada do século, mencionava as “antiquadas canoas que fazem durante o dia, o transporte de milhares de pessoas de um lado para o outro” (TORRES, 1948, p.171). Perdurando tanto, mesmo com alternativas eficientes, como o trem e depois os ônibus, era algo ainda mais fundamental no período estudado. Por isso a dinâmica festiva do Bonfim pôde alastrar-se para a Ribeira e dali para Plataforma, como uma extensão geográfica natural.

Para lá se expandiam as festas no Bonfim para a *outra banda*, como chamavam os canoeiros a Plataforma e São Brás, transformando a própria travessia, breve, em festa. Pelas canoas e pelo trem, desciam os festeiros desde o domingo. Ali estava também montado o arraial e “[a]hi fervia o folguedo, comia-se muito, bebia-se mais e dançava-se bastante. Ranchos da Burrinha, do *Mané-gostoso*, da Pulga, da Caninha, e de tanta cousa mais chistosa, mais extravagante, fornecia o motivo da chula, do deboche, ou da patuscada” (CARVALHO, 1915, p.82). Tratado bucolicamente, vemos Plataforma em um cartão-postal de 1902 na Fig.10.

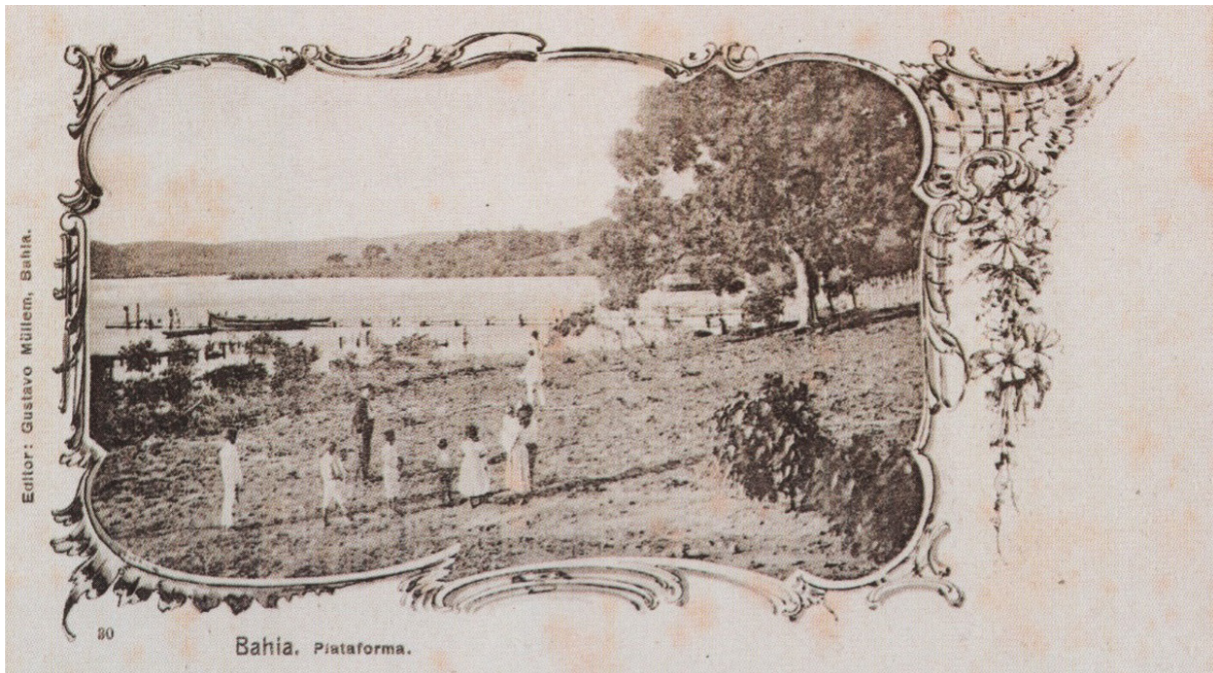


Figura 10
Bahia. Plataforma, cartão-postal de Gustavo Müllem, 1902, da Coleção Ewald Hackler.
Fonte: VIANNA, 2004

²⁹ A COISA – crítica, satyrica e humorística, 12 fev 1889. Salvador: s/d.

A Fábrica São Brás certa feita ensaiou operar na segunda-feira, mas rendeu-se à revolta, armada, de parte da população do local. Anedota intitulada *A Festa do Bonfim*, assinada por Zé Pilhéria, publicada em 1889, falava dessa extensão à outra margem da Enseada: “vem o tal Chico para formar uma orchestra, parei e como estava satisfeito fui para a Plataforma, onde encontrei com um amigo que me convidou para chupar cajús em sua casa”, experimentando dissabores que terminaram na “beira de praia de Itacaranha”.²⁹ Essa extravasão para o outro lado do esteiro de Pirajá parece dizer respeito às classes baixas. Lulu Parola, em um de seus muitos poemas sobre as festas populares, dava a entender isso:

(25 de janeiro de 1925 – PROGNÓSTICO – A antiga Segunda-feira do Bomfim – a do rancho, do violão e da minduba – tem que sair de Itapagipe).
Breve, a “Segunda-feira do Bomfim”
É em Plataforma, Itacaranha, ou Escada
Este ano eu fui, como vou sempre, e vim
Certo de que ela, breve, está mudada!

Pelo tudo que vi, tenho p’ra mim
Que a formosa península adorada
Vae perde-la... Que tudo tem seu fim!
Eterno, nesta vida, não há nada!...

Breve, a “Segunda-feira” é um Carnaval
De curso de automoveis e confeti;
Tem que buscar a antiga outro local.
Que quando o rico entra – o pobre apanha

Tem de ir a da minduba (é o que promete)
Para Plataforma, Escada, ou Itacaranha!
(CARVALHO, 1954, p.69)

Apontava também o que seria certo nos anos 1930: a aparição das elites na Segunda-Feira do Bonfim, levando seus hábitos e os novos aparatos, os automóveis desfilando em corso, expulsando o folião habitual. Em poema de 1935, dizia: "E o cavaquinho, que é de gente *pronta*,/ Sem ter carro, não veio mais à rua!..." (CARVALHO, 1954, p.89). Seria a razão para esse deslocamento para a outra banda.

Nossa Senhora de Sant' Anna

AINDA FESTAS

Ainda não se acabaram as festa! [sic]

O povo, que descansou estas 3 semanas após os tradicionais festejos do Bomfim, hoje vai dar largas à expansão no saudável Rio Vermelho, onde vão reproduzir-se, uma a uma, as allegres scenas do imorre-douro 16 de janeiro.

Agora são a Fonte dos Bois, Mariquita, Paciencia, em vez do Largo do Bomfim, Papagaio, Ribeira, os pontos onde o povo vai tirar suas bellas chulas, no arrojo do gostoso samba; o eminente morro do Conselho, em vez da Plataforma, onde vai espaiarecer-se a multidão folgazan!

Desde hontem que começaram as festas, com a annual procissão angariadora de obulos para o cofre de Senhora Sant' Anna, precedida de uma philarmonica adrede preparada, em substituição à celebre Chapa-da.

Segunda-feira ainda não será o ponto final da festa, porque o povo, acostumado a divertir-se três dias, só deixará o arrabalde na terça, assim mesmo com visíveis ressaibos de saudade.³⁰

A matéria é interessante por apontar onde ocorriam os sambas, o espaço dos foliões mais humildes. Esse era o papel do Morro do Conselho (Fig.11), lugar apenas gramado. As famílias lhe freqüentavam, os meninos empinavam arraias ou escorregavam pela grama sobre talas de coqueiro, enquanto à noite os festeiros faziam lá suas brincadeiras, comendo moqueca (VARELLA, 1935). Era um dos locais dos sambas, dos folguedos dos mais simples. Esta descrição converge com texto satírico de 1899 intitulado *Remeleixos*: "– Olá! donde vens assim, toda engommada? [...] – Eu, yoyô, fui ao Monte do Conselho, a convite do seu Zé Patife, ver o sol dansar!"³¹ João Varella, referindo-se ao remoto tempo em que só havia pescadores na vila, falava do "rufar dos pandeiros e o estalar das palmas dos sambas quentes pelas Pedrinhas ou Fonte do Boi" (VARELLA, 1935, p.92). Na Fonte do Boi

³⁰ A COISA – crítica, satyrica e humorística, 7 fev 1898. Salvador: s/d.

³¹ A COISA – crítica, satyrica e humorística, 25 jun 1899. Salvador: s/d.

32 Entre outros: RELATÓRIO..., 1894; RELATÓRIO..., 1905.

(Fig.12) estava fonte homônima e um curso d'água, no vale formado pelo Morro do Menino Jesus e Morro do Conselho, limpos a cada tanto, à medida em que o lugar se consolidava para o veraneio.³² Ali a pândega também ocorria.



Figura 11
Rio Vermelho (c.1885), de Rodolpho Lindemann. A foto foi tirada do flanco do Alto de São Gonçalo/ Alto do Papagaio. As casas à beira-mar já são de porte, alguns sobrados e palacetes. Acima, subindo o morro, é que estavam as palhoças remanescentes. Ao fundo, o Morro do Conselho, local da pândega. Fonte: FERREZ, 2004

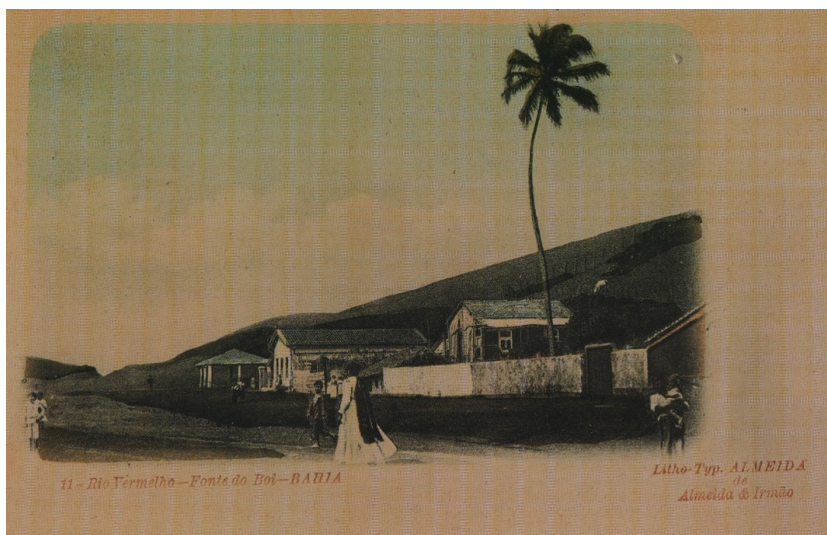


Figura 12
Praia do Rio Vermelho - Fonte do Boi - Bahia, cartão-postal da Almeida & Irmão, 1930, da Coleção Ewald Hackler. Esta era a feição da Fonte do Boi, marginal aos núcleos do Rio Vermelho. A colina à direita seria o Morro do Conselho, antes de ser transformado pelo novo proprietário, Adolpho Moreira. Fonte: VIANNA, 2004



Figura 13

Bahia. Rio Vermelho, cartão-postal, 1906, da Coleção Ewald Hackler. O Rio Vermelho já mais urbanizado, incluindo a canalização do rio Lucaia/ Camurugipe, conquistando a área da várzea, com derrubada de suas árvores, franqueando mais terreno para a urbanização. Seria um Hipódromo, e depois, nos anos 1940, o local do Parque Cruz Aguiar, marca da transição do arrabalde de veraneio para um bairro de primeira residência. Fonte: VIANNA, 2004

O mastro fincado marcava o início das festas no Rio Vermelho, que terminavam com o seu ápice, no domingo anterior ao Carnaval. Nesse início, uma charanga, chegada e outros grupos musicais pediam doações de porta em porta todas as noites. Ao domingo havia música, leilão de prendas e brinquedos, iluminação, e gente, muita gente, no arraial formado no Largo de Sant'Anna, iniciando-se as novenas. Na quinta-feira, a igreja era lavada, com ebulição. No sábado afluíam ternos e ranchos, e no domingo havia a missa e a festa propriamente dita, com préstitos carnavalescos (avançando-se mais o século XX, quando esta festa e o Carnaval fundiam-se mais e mais), com mascarados, e queima de fogos à noite. Continuava na segunda-feira, com brincadeiras populares (TORRES, 1961). Conhecemos esse arranjo. Era a estrutura geral, por exemplo, da festa do Bonfim.

O periódico *A Bahia* de 30 de janeiro de 1910 registrava: das 7h às 10h, missa, com festa solene a partir das 10h30min; a procissão saía às 16h, "em que tomarão parte gentis senhoritas"³³; das 19h às 22h30min, fogos de artifício, com música no largo da igreja por parte das bandas do 1º e 2º corpos de polícia. E na segunda-feira "realizam-se as costumadas festas populares". Era essa uma programação que não podia

³³ A BAHIA, 30 jan 1910. Salvador: s/d.

ter sido montada, nem obtida, pelos antigos pescadores. Repetia-se ainda a hospedagem dos visitantes a mais, para esse curto período das festas. Durante os três dias, iam os parentes e conhecidos, muitos de lugares distantes, para alegria do anfitrião, que às vezes faziam “um caramanchão de palha na frente ou nos lados das casas, para as suas festas, que sempre eram acompanhadas com violão, cavaquinho, pandeiro e outros instrumentos e tocavam muitas modinhas próprias para dançar” (LOPES, 1984, p.49). Os ternos e ranchos também constituíam um dos seus ápices, segundo a Prof. Isolina Diniz, com a participação de um rancho próprio, o *Rancho da Sereia*, que era do Alto da Canjira (RIO VERMELHO..., 1988).

O espírito lúdico competitivo comparecia novamente. No Rio Vermelho, por exemplo, os assentamentos principais, Sant’Anna e Mariquita, mantinham um senso de identidade. Não dos moradores anteriores, mas dos novos, dos veranistas e daqueles que começavam a morar ali. Dizia o Prof. Aurélio Ângelo de Souza que “o rapaz da Mariquita não namorava com moça de Santana, e o rapaz de Santana não namorava com moça de Mariquita” (RIO VERMELHO..., 1988, p.92). A agremiação criada pelos jovens de Sant’Anna, o Clube dos Dragões, recebeu uma resposta bem-humorada da Mariquita: o Clube São Jorge, o santo que matara um dragão.³⁴ E, de modo mais geral, essas sub-comunidades durante as festas torciam por seus representantes e faziam com que “as festas também fossem melhores” (RIO VERMELHO..., 1988, p.103), dentro dessa competição, segundo Aurélio Ângelo.

Havia procissões pelos mais diversos motivos. Um deles, que nos parece digno de registro, ocorria no sábado à noite, com uma pequena imagem de Sant’Anna para recolher donativos. Como nota heortológica, é digno de reparo que visitava:

todos os lugares do bairro onde morava gente pobre como: Paciência, Corte-Grande, Ladeira de São João, Pedra da Marca, Engenho Velho, Cangira, Lucaia e muitos outros. Toda gente pobre limpava suas casas, botava areia no chão na frente da casa e ficava esperando Senhora Santana. (LOPES, 1984, p.49).

Por meio da devoção, da colaboração e do cuidado com que esperavam a vinda do ícone, e dos percursos, formava-se uma comunidade espiritual e social, um senso comunitário de relevo. Pois, sob uma programação cada vez mais rica, e com o aparato dos veranistas cada vez maior – assim como as memórias escritas tendem a ser de antigos veranistas – encontramos vestígios das antigas solidariedades dos marí-

³⁴ Ubaldo Marques Porto Filho (s/d, p.68), a partir do testemunho de sua tia, dá outra versão: que o novo clube fora uma dissidência de seus diretores. Se a sede o Clube São Jorge fosse na Travessa Prudente de Moraes (ele diz Travessa Moraes), sua versão seria a correta.

timos. Os pescadores de distintas localidades afluíam a essa festa, como os de Mar Grande, e divertiam-se, jogando, por exemplo, o *batuque*, nome dado a espécie de jogo viril, que repetia certos aspectos da capoeira (os instrumentos musicais, a roda) porém cantado e jogado de modo diverso (LOPES, 1984).³⁵ Outra era hábito de Juca Amaral, dono da Fazenda Amaralina, e dos instrumentos de pesca dali, puxar a rede no domingo da festa, e dar alguns tantos de presente, para os festeiros, que transformavam essa jornada em outra deambulação festiva. E perdurava a importância de iniciar-se o ano com o auxílio divino para o trabalho, a Benção dos Remos e das Embarcações, que ocorria na segunda-feira seguinte (RIO VERMELHO..., 1988), ritual que repetia não apenas a tradição de comunidades pesqueiras, nas Armações de Xaréu e Contratos de Baleira, como nas *botadas* dos engenhos de cana-de-açúcar.

³⁵ Para uma descrição mais geral do “batuque” como luta, ver Édison Carneiro (1991).

Conclusão

Na obra *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, um dos pais da História junto com Heródoto, por mais que pareça uma longa descrição de algo hoje fartamente conhecido, temos duas inovações cruciais. A primeira é a da *kinesis*, palavra grega que designa, entre outras coisas, “movimento”. Com ela, Tucídides buscava abranger o que entenderíamos como um processo mais extenso, que lhe parecia surpreendente no mundo helênico. E esse processo era sua segunda inovação: a descoberta da Guerra do Peloponeso. Para seus contemporâneos, havia uma série de batalhas e guerras, desarticuladas entre si; para Tucídides, todas eram expressão desse vasto processo, o maior da história dos gregos, a *kinesis* que denominou Guerra do Peloponeso.

Um fenômeno, uma vez descrito de modo convincente, tende a parecer óbvio. E se os fragmentos de informação dispersos que foram reunidos fazem, de fato, parte do mesmo fenômeno, tenderá a parecer uma tessitura inconsútil, quando não é. Esperamos ter logrado essas duas características: que o fenômeno descrito pareça evidente, e que os elementos

Esperamos tê-lo sido em nossa sumária exposição, já que até o momento a literatura historiográfica baiana não apontou nada similar. Ao contrário, havia uma literatura sobre o antes afamado “ciclo de verão” como um todo ou as festas mais importantes, por um lado.³⁶ Existe a obra de memorialistas, falando ou de seu veraneio, ou de suas vidas naqueles arrabaldes tornados bairros. Mesmo o veraneio, como um todo, no período

³⁶ Um exemplo dessa é a obra de Jurema Penna, *Festas Tradicionais de Salvador – ciclo de verão*. Salvador: Prefeitura da Cidade do Salvador, Departamento de Assuntos Culturais, mar 1978. A cobertura de tais temas praticamente perfaz um gênero, assim como as obras panegíricas da cidade ou do estado, versões inferiores da continuamente reeditada e revisada obra de Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*.

do, é pouco estudado. E existem escassas obras enfocando o processo de urbanização da cidade, da qual destacamos a de Consuelo Novais Sampaio (2005).

O ciclo dos arrabaldes avançou pela segunda metade do século XX, com novos estímulos. Naquele arquipélago de localidades, em delicada comunicação e relação, destacamos o componente agonístico, que comparecia nas filarmônicas, nos ternos e ranchos, nas festas de cada arrabalde, nos clubes carnavalescos, nas equipes de regatas. Repetia-se em vários níveis. Competição que devemos ver como uma forma de solidariedade, dos muitos vínculos que tais formas de relacionar-se criavam, em andares sucessivos. Porém isto não ocorria sem suas tensões. O êxito da Barra se dera devido ao "entusiasmo dos moradores e veranistas que porfiavam na organização, de sorte a não ser excedida pelas outras. Essas eram a da Barra, Nossa Senhora da Guia, São Gonçalo" (VIANNA, 1979, p.13), as duas últimas partes do Ciclo do Bonfim, e apesar do prestígio que o santo casamenteiro português ainda tinha entre as moças, e o entusiasmo dos jovens do seu Bando Anunciador.

O ciclo dos arrabaldes foi, ao mesmo tempo, um perímetro, um período, um cotidiano. Foi uma configuração urbana transitória que durou pelo menos duas gerações. Podemos considerar o marco inicial os anos 1870 com a instalação das linhas de bonde puxadas a burro. Antes era o veraneio distante, ainda esparso. A fuga para os arrabaldes se incrementa com a circulação nos primórdios da mecanização do transporte público, que permite ir-se de um lado a outro de modo mais fácil e o concurso às datas festivas pontuais. A constelação de localidades, com a movimentação humana animada pelo calendário religioso, com a estadia mais prolongada do veraneio e afluxos pontuais para as festas, depois se incorporou à cidade. Este é um fenômeno rico em possibilidades.

Com a estadia prolongada de uma população abonada e ociosa, assim como devota, restou-lhes ocupar seu tempo e posses no incremento das festas anteriores, muitas de origem modesta, e criar um complexo relacionado de eventos, como leilões, quermesses, e depois corsos e bailes. Eram lugar de extravasão da fé, como de socialização dos jovens e de entretenimento de todos.

Foram as Festas, com maiúscula, metonímia que abrange eventos dos mais variados perfis, que impulsionaram a jornada dos cidadãos, para o veraneio geral ou para o evento específico, fator fundamental

para a vilegiatura rural, que foram nos arrabaldes litorâneos a base para a posterior vilegiatura marítima, e os modernos hábitos balneares. Por exemplo, Itapuã fora incorporada ao cotidiano da cidade, ou ao cotidiano de uma época do ano, por intermédio das festas, antes mesmo que o veraneio naquele porto distante ganhasse impulso. O cotidiano festivo explica a vilegiatura, lhe confere ânimo e espírito; o pretexto e os ápices, com o influxo maior de pessoas, e os ritos – gerais para as festas, específicos para os dias santos particulares. Por outro lado, a vilegiatura é expressão espacial urbana do ciclo festivo.

E eram as festas o mote e a ocasião para várias formas de competição e emulação, em especial entre as distintas localidades, que se visitavam e tinham seus representantes, motivo de admiração e orgulho, exibindo-se em cada evento para os demais.

Se consideramos o início desse período o momento em que os transportes integraram aqueles locais a uma rede mais fluida, o final foi sua incorporação à cidade, saindo de urbanizações discretas para algo mais contínuo. Os anos 1940, por exemplo, são os reconhecidos como uma mais clara caracterização do Rio Vermelho, o arrabalde e bairro com melhor documentação a respeito, como um local de primeira residência.³⁷

³⁷ PORTO FILHO, s/d; RIO VERMELHO..., 1988.

No semanário *A Luva* de 1º de março de 1929, conviviam, no mesmo raciocínio, o termo *arrabalde* e o de *bairros elegantes*, quando, sob o título *As Festas nos Arrabaldes*, marcava “as festas encantadoras dos três bairros elegantes da cidade”.³⁸ Se anunciava já a transformação de um em outro, também indicava que o termo arrabalde havia ganhado elasticidade o suficiente para não apenas assinalar a área praticamente rural, de sítios e casas simples, até o bairro consolidado e de classes altas. Marcava-se a construção de casas modernas nesses lugares: “[a] nova e elegante vivenda do prof. Altamirando Requião, *Mon Rêve*, acabada de construir no Rio Vermelho, pelo constructor Gustavo Pessoa dos Santos, cujos salões se abriram pela primeira vez no dia 17 deste mez”.³⁹

³⁸ A LUVA, Ano 4, n88, 1 mar 1929. Salvador: s/d.

³⁹ A LUVA, Ano 1, n6, 30 mai 1925. Salvador: s/d.

Temos, em extensão maior, depoimentos sobre arrabaldes que foram se tornando bairros, alguns sonolentos, como um remanso na cidade que acelerava. Ao se falar da Ribeira, tornou-se habitual o tom de falar de um “bairro distante, um subúrbio, ali eram e ainda são mantidas com toda singeleza e originalidade, as tradições da velha Bahia” (MARTINS, 2000, p.16). A consolidação das primeiras residências foi uma das coisas que levou ao desmonte do ciclo dos arrabal-

des. Da perspectiva do veranista tradicional, o período festivo era uma efervescência mundana; já da perspectiva do agora morador, o cotidiano era algo mais sereno, com seus momentos de maior ebulição.

As excursões e vilegiatura não desapareceram, mudando de escala, com distâncias crescentes.

Fim de anno... Vôo de passaros. Começa a emigração das senhoras, das senhorinhas, dos rapazes de alta elegancia para os lugares de fóra. Não temos Petropolis, não temos Friburgo, não temos estações balneárias. Tudo poderíamos ter,... e não temos. Mas, em compensação, ahi está Itaparica, ahi está Camassary, ahi está Madre de Deus. Nesses logares, todo o anno, reune-se muita gente. E é uma época deliciosa em que moças e rapazes, commungam diariamente de uma bella e cordeal intimidade. São festas, são danças, são "flirts", são namoros, são compromissos que se formam a cada instante...⁴⁰

⁴⁰ REVISTA DA BAHIA, Ano II, n.21, 15 out 1922. Salvador: s/d.

Duas décadas antes, falava-se em Cabula e Matatu. Agora é Camaçari, Madre de Deus, Itaparica. Houve uma expansão da área de fuga, agora para os limites da atual Região Metropolitana. Porém não eram mais sede de festejos importantes para a vida da cidade, nem constituíam uma unidade, coerida por um calendário festivo razoavelmente unitário e pelo transporte coletivo.

O veraneio continuava, sob outros moldes. Mas estava findo o ciclo dos arrabaldes da cidade.

Referências

ALMEIDA, Maria do Carmo Baltar Esnaty. *As Vitrines da Civilização: a modernização urbana do Bairro Commercial da Cidade da Bahia (1890-1930)*. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – PPGAU, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2014.

AMARAL, José Alvares do. *Resumo Chronologico e Noticioso da Província da Bahia Desde o seu Descobrimto em 1500*. 2ed. Revisto e Consideravalmente Annotado por J. Teixeira Barros. Salvador: Imprensa Official do Estado, Rua da Misericórdia, n.1, 1922.

CÂMARA, Antônio Alves. *Ensaio sobre as Construções Navaes Indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31, 1888.

CARNEIRO, Edison. *Religiões Negras – Notas de Etnografia Religiosa/ Negros Bantos – notas de etnografia religiosa e de folclore*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CARVALHO, Aloísio de [Lulu Parola]. *Cantando e Rindo – Coletânea de versos de Lulu Parola*. Salvador: Diretoria do Arquivo, Divulgação e Estatística/ PMS, 1954.

CARVALHO, Carlos Alberto de. *A Locomoção da Cidade Através dos Tempos*. Salvador: Escola de Aprendizes Artífices, 1940.

_____. *Tradições e Milagres do Bonfim*. Obra seguida de interessante Resenha Histórica da Península de Itapagipe Salvador: Typ. Bahiana, de Cincinnato Melchiades, Rua Lopes Cardoso, ex-Grades de Ferro, 69, 1915.

CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. *A Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim e Sua História*. 2ed. Salvador: Imprensa Oficial, 1945.

COSTA, Afonso. Poetisas Bahianas. Adelia Fonseca. In: *Revista Trimestral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n.53, 1927. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1927.

FALLA com que o Excellentissimo Senhor Dezembargador João Antonio de Araujo Freitas Henriques Abriu a 1ª Sessão da 19ª Legislatura da Assembléa Provincial em 1º de Março de 1872. Salvador: Typ. do "Correio da Bahia", Rua d'Alfandega n.29, 1872.

FALLA com que o Exmo. Sr. Commendador Antonio Candido da Cruz Machado Abriu a 1ª Sessão da Vigésima Legislatura da Assembléa Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de Março de 1874. Salvador: Typ. do "Correio da Bahia", Rua d'Alfandega, n.31, 1874.

FERREZ, Gilberto. *Bahia: Velhas Fotografias 1858/ 1900*. Rio de Janeiro: Kosmos Ed./ Salvador: Banco da Bahia Investimentos S.A., 1988.

FONSECA, L. Anselmo da. Hygiene Pública aplicada à Cidade da Bahia. In: *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina*. Bahia: Typ. Bahiana, de Cincinnato Melchiades, Rua do Arsenal da Marinha, 25, 1908.

FRANCO, Tasso. *O Trancelim da Baiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREIRE, Antonio (org.). *Almanak da Província da Bahia*. Salvador: Litho-typographia de João Gonçalves Tourinho, Arcos de Santa Barbara, n.83, 1881.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>> Acesso: nov 2019.

GANDON, Tânia Risério d'Almeida. *A Voz de Itapuã*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LIMA, Herman. *Roteiro da Bahia*. 2ed amp. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1969.

LINDLEY, Thomas. *Narrative of a Voyage to Brazil; terminating in the Seizure of a British Vessel, and the Imprisonment of the Author and the Ship's Crew, by the Portuguese with General Sketches of the Country, its Natural Productions, Colonial Inhabitants, etc. and a Description of the City and Provinces of St. Salvadore and Porto Seguro*. London: J. Johnson, St-Paul's Church-yard. 1805.

LOPES, Licídio. *O Rio Vermelho e Suas Tradições – memórias de Licídio Lopes*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, 112p. [o livro foi concluído em 1969].

MARQUES, Xavier. *Jana e Joel*. 6ed. São Paulo: GRD. 1975. [Primeira edição de 1899].

MARTINS, Ezequiel da Silva. *A Bahia – Suas Tradições e Encantos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, FUNCEB, EGBA, 2000.

MARTINS, José de Barro & AMADO, Jorge. Apresentação. In: CARYBÉ. *As Sete Portas da Bahia*. 2ed. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A, s/d.

MEIRELLES, Edison de Palma. *A Bahia Que Eu Conheci*. Salvador: Ed. Mensageiro da Fé Ltda., 1973.

MORRISON, Allen. *The Tramways of Brazil – a 130-year survey*. New York: Bonde Press, 1989.

PAZ, Daniel J. Mellado. A Europa dos Pobres: a ilha de Itaparica como sanatório do beribéri. In: *Anais do XII SHCU – Seminário da História da Cidade e do Urbanismo*. CD-ROM. Porto Alegre: PROPUR-UFRGS/ PROPAR-UFRGS, 2012b).

_____. *Beira do Mar, Lugar Comum: o surgimento do lazer e bem-estar à beira-mar da cidade do Salvador. Séc. XIX*. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2020.

PINHO, Wanderley. *Cotegipe e seu Tempo. Primeira Phase – 1815-1867*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. *Rio Vermelho*. Salvador: s/d.

QUERINO, Manuel. *A Bahia de Outrora*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.

RELATÓRIO Apresentado à Assembléa Legislativa da Bahia pelo Excellentissimo Senhor Barão de S. Lourenço Presidente da mesma Província em 6 de Março de 1870. Salvador: Typ. do Jornal da Bahia, 1870.

RELATÓRIO com que o Excellentissimo Senhor Presidente Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes Abriu a Assembléa Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de Maio de 1876. Salvador: Typ. do "Jornal da Bahia", 1876.

RELATÓRIO de Contas da Gestão dos Negócios Municipaes de 5 de Fevereiro a 31 de Dezembro de 1893 Apresentados pelo Dr. José Luiz de Almeida Couto Intendente Municipal da Capital do Estado da Bahia em 9 de Janeiro de 1894 ao Conselho Municipal. Salvador: Typ. do "Estado da Bahia", Largo do Terreiro, 2, 1894.

RELATÓRIO Apresentado ao Conselho Municipal na Sessão de 3 de Fevereiro de 1905 pelo Dr. Antonio Victorio de Araujo Falcão Intendente de Município da Capital da Bahia. Salvador: Empreza d´A BAHIA, Rua da Alfândega, 33, 1905.

REQUIAO, Hermano. *Itapagipe (Minha Infância na Bahia)*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1949.

RIO VERMELHO – Projeto História dos Bairros de Salvador. Salvador: Governo do Estado da Bahia – Secretaria da Cultura/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 Anos de Urbanização: Salvador da Bahia no Século XIX*. Rio de Janeiro: Versal: 2005.

SILVA, Katia Maria de Carvalho. *O Diário da Bahia e o Século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. Brasília: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1979.

SILVA, Alberto. *A Primeira Cidade do Brasil (Aspectos Seculares)*. Salvador: Câmara Municipal da Cidade do Salvador, 1953.

TAVARES, Odorico. *Bahia: Imagens da Terra e do Povo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1961

TEIXEIRA, Cid. *Bahia em Tempo de Província*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

TORRES, Carlos. *Bahia Cidade-Feitiço*. 2ed. rev. e amp. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1961.

_____. *Impressões e Imagens* (Assuntos estudantis, contos, crônicas, fantasias, descrições e páginas íntimas). Bahia: Imprensa Oficial, 1948, p.171.

_____. *Vultos, Fatos e Coisas da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959.

VARELLA, João. *Da Bahia que eu Vi*. Salvador: Typographia de O Povo, 1935.

VIANNA, Antônio. *Casos e Coisas da Bahia*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1950.

_____. *Quintal de Nagô e Outras Crônicas*. Salvador: Centro de Estudos Baianos/ Universidade Federal da Bahia, ago 1979.

VIANNA, Francisco Vicente. *Memória sobre o Estado da Bahia*, feita por ordem do Exm. Sr. Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, Governador do Estado da Bahia. Salvador: Typ. e Enc. do Diário da Bahia, 1893.

VIANNA, Hildegardes. Conversa sobre a Bahia. In: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 28, n.14, 18 ago 1956.

VIANNA, Marisa. "...Eu vou pra Bahia". Salvador: Bigraf, 2004.

VIEIRA, José Geraldo. Introdução. In: KANTOR, Manuel. *Bahia*. Edições Melhoramentos, 1947.